

A geração como negação da substância simples em Leibniz

The generation as negation of the simple substance in Leibniz

Sávio Gonçalves dos Santos (mestrando –UFU-Uberlândia-MG)

savio.santos@uniube.br

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Netto de Andrade e Silva Sahd (UFU)

Resumo: Sendo a negação, a modificação da substância simples da Mônada e, conseqüentemente, a geração da substância composta, o que se tem é justamente a geração como a negação; negação não só da realidade, da essência, mas também, da substância simples original. A junção de substâncias simples provoca a manutenção da ordem do universo, que acaba sendo modificada pela geração humana. Em linhas gerais, o que se tem é a substituição da criação pela geração. Vale lembrar que a modificação interna da substância simples, vai depender da ação de Deus e da necessidade de adequação da Mônada. Como medida facilitadora para a compreensão do que se quer propor neste artigo, vamos analisar o exemplo do ser humano e da reprodução da espécie.

Palavras-chave: Mônada; Geração; Negação.

Abstract: Since the denial, modification of the simple substance of the Monad, and thus the generation of the composite substance, what we have is just the generation as denial, denial not only of reality, the essence, but also from the original simple substance. The addition of simple substances causes the maintenance of order in the universe, who has just been modified by human generation. In general, what we have is the replacement of creation through the generation. Remember that the internal modification of the simple substance, will depend on the action of God and the need for adequacy of the Monad. As a measure facilitates the understanding of what is proposed in this article, we analyze the example of the human being and reproduction of the species.

Key words: Mônada; Generation; Negation.

1. Considerações iniciais

No despontar do século XVII, a filosofia, assumindo novas figurações, se liberta de maneira definitiva da lógica escolástica e da influência eclesial. Numa reconfiguração sistêmica do pensar, a razão emerge como necessidade fundante que caminha em paralelo com os ideais cartesianos. O período que se segue após a virada cartesiana, figura como mantenedor de uma crise: a crise da razão. Crise que se agrava com a busca de uma visão axiológica, da qual surgirá a empiria e a ciência como “guias” e referenciais humanos. A visão de John Locke e de Thomas Hobbes – ambos empiristas e contratualistas – marcará a

história com a guinada subjetiva, ou seja, a experiência pessoal será necessária ao se afirmar conhecimento de algo.

Nessa explosão de pensamentos e moldes, numa busca de se transformar o humano em “*homo sapiens sapiens*”, vem à cena o pensamento singular de Gottfried Wilhelm Leibniz, disposto entre outros trabalhos nos *Princípios da Filosofia ditos A Monadologia*.

Tida como obra póstuma, A Monadologia expressa, em linhas gerais, os parâmetros para a origem de todas as coisas, partindo do suposto que há uma composição original que Leibniz chama de Mônada e que se caracteriza como “uma substância simples que entra nos compostos. Simples quer dizer sem partes” (LEIBNIZ, 1974, p. 63).

Dentro da lógica estabelecida pelo pensador, há substâncias simples que se reúnem para formar os compostos. Nas palavras do próprio Leibniz: “[...] as Mônadas são os verdadeiros Átomos da Natureza, [...] os Elementos das coisas” (LEIBNIZ, 1974, p. 63). Fica evidente que a reflexão se baseia em ideais dispostos no século XVII; dessa forma, é preciso ressaltar que boa parte dos exemplos são dados a partir de referenciais científicos da época. Podemos citar como exemplo o átomo, reconhecido, até então, como a menor partícula existente e ainda indivisível, do qual o autor faz uso para explicar que a Mônada não pode se dividir.

Leibniz ainda estabelece critérios para a figuração das Mônadas: dissolução natural e geração natural. Ao que se sabe, tais situações são tidas como impossíveis; as Mônadas, por serem substâncias simples, não podem morrer como os demais seres da natureza, e nem sequer se formam por composição. Dessa forma, pode-se dizer que

As Mônadas só podem começar ou acabar instantaneamente ou, por outras palavras, só lhes é possível começar por criação e acabar por aniquilamento, ao passo que todo o composto começa e acaba por partes. [...] nem substância, nem acidente podem vir de fora para dentro da Mônada. (LEIBNIZ, 1974, p. 63).

É preciso chamar a atenção para dois termos alocados nos parágrafos supracitados: instantaneamente e aniquilamento. No primeiro, Leibniz dá a entender que a Mônada é

atemporal, ou seja, possui posteridade existencial, ou ainda, temporalidade.¹ Ela não se encontra em condições geradas, mas sim, criadas por um ser superior, que figura como Deus. A idéia central do instante relembra a lógica da criação divina, da criação pela palavra, ou seja, de momentos singulares “[...] toda substância traz de certa maneira o caráter da sabedoria infinita e da onipotência de Deus [...]” (LEIBNIZ, 1974, p. 83).

Já o segundo ponto trata do findar da Mônada. A dimensão da morte é entendida por Leibniz como diminuição; tal diminuição só pode ser executada por Deus, que se torna o grande responsável pela coordenação de todo o universo. Em linhas gerais, ao estabelecer parâmetros para a ação da Mônada, Leibniz deixa claro que ela sofre mutações como toda substância, como todo ente. Assim, a dimensão de finitude se caracteriza pelo fim das mutações, isto é, seu completo aniquilamento.

Quanto à geração das Mônadas, Leibniz estabelece que elas não são geradas, como as demais criaturas, mas sim, criadas. A Mônada tem seu princípio na criação pelo ser superior. Ela não obedece ao ciclo estabelecido, a lógica artificial humana, mas se faz de maneira natural e anacrônica, pois, ao estabelecer ciclos, envolve-se o tempo, característica da qual a Mônada não compartilha com a humanidade. A ação que chamamos de natural, Leibniz define como processo por “composição”, ou seja, uma junção de partes para a formação de algo novo. Por isso, o autor coloca que “[...] O que chamamos de *Gerações* são desenvolvimentos e crescimentos, assim como o que chamamos de *Mortes* são envolvimentos e diminuições” (LEIBNIZ, 1974, p. 71). Dessa forma, a Mônada é um corpo orgânico que se estende ao infinito pela sua essência divina.

A complexidade do assunto pode se tornar ainda maior quando colocamos em questão a idéia da modificação, ou transformação, das Mônadas. O que fica como dificuldade na compreensão epistemológica é o fato de que as Mônadas não possuem influências externas e, mesmo assim, diferem entre si, pois, na natureza, “nunca há dois seres perfeitamente idênticos” (LEIBNIZ, 1974, p. 63). A igualdade dos seres pode acabar

¹ Lógica estabelecida por Martin Heidegger (1889-1976), dando a entender que o ser que possui a temporalidade é aquele que se faz presente em todo o tempo, isto é, passado, presente e futuro, perpassando os séculos humanos como instantes. Idéia semelhante à citada por Leibniz expressando a semelhança, citada no “Discurso de Metafísica”: “[...] tudo o que acontece no universo, passado, presente ou futuro, o que tem certa semelhança com uma percepção ou conhecimento infinito [...]” (LEIBNIZ, 1974, p. 83).

por prefigurar na derrocada da grandeza natural original, que se baseia justamente na diferença; fato que marca presença no pensamento de Leibniz, que termina aceitando o fato de que mesmo sem mutações externas, as Mônadas estão sujeitas a modificação como todo ser criado. Essa modificação Leibniz chama de “*Percepção*”, contrapondo suas ideias às de René Descartes e seus seguidores:

Porém, deve-se explicar sempre a natureza matemática e mecanicamente, com tanto que se saiba que os princípios mesmos ou leis da mecânica ou da força não dependem só da extensão matemática senão de algumas razões metafísicas (LEIBNIZ, 1946, p. 70).

E, ainda, mostrando que o autor dedicou-se ao estudo detalhado da filosofia moderna:

Porém, talvez não me condenem levemente quando souberem que meditei demoradamente sobre a filosofia moderna; dediquei muito tempo às experiências da física e demonstrações da geometria, e bastante tempo estive persuadido da vacuidade destes entes [as formas substanciais], retomados afinal quase à força e bem contra minha vontade. (...), pois o movimento, se não lhe considera o que compreende precisamente e formalmente, ou seja, uma mudança de lugar, não é coisa inteiramente real (...) É, porém, algo mais real a força ou causa próxima destas mudanças e existe bastante fundamento para atribuí-la a um corpo de preferência a outro. (...) Ora, esta força é algo diferente do tamanho, da figura e do movimento, e por aí se pode julgar não consistir apenas na extensão e suas modificações tudo o que se concebe no corpo, como se persuadem os nossos modernos. Assim, fomos obrigados a restaurar alguns entes ou formas por eles banidas (LEIBNIZ, 1979, p.126;134).

É preciso lembrar que Leibniz ainda refuta a errônea compreensão pneumatológica dos escolásticos. Assim, no que se refere à disputa entre a filosofia escolástica e o mecanicismo moderno, é por meio da distinção rigorosa entre o domínio científico ou prático e o filosófico que Leibniz encontra a chave para a harmonização da sabedoria dos antigos e das inovações da nova filosofia. A restauração das formas substanciais pode ser

vista, então, como a busca pela determinação e aplicabilidade do próprio conceito de substância aos corpos das substâncias individuais e aos corpos das criaturas em geral. A isto, Leibniz dá o nome de percepção.

A percepção, ressalta o autor, é uma característica de algumas Mônadas, a saber:

Se quisermos chamar Alma a tudo o que tem *percepção e apetite* no sentido geral que venho explicando; todas as substâncias simples ou Mônadas criadas poderiam ser chamadas Almas; mas, como o sentimento é alguma coisa maior que uma simples percepção, eu consinto que o nome geral Mônadas e Enteléquias basta às substâncias simples que não são mais do que isto; e que se chame de Alma somente aquelas cuja percepção é mais distinta e acompanhada de memória (LEIBNIZ, 1974, p. 64-65).

Contudo, nem todas as percepções que atingem os órgãos dos sentidos alcançam a consciência (apercepção). Há percepções tão pequenas que não conseguem ser compreendidas pela consciência. Um ruído habitual, por exemplo, deixa de ser ouvido, mas, certamente, as ondas sonoras continuam a atingir os ouvidos. O nível de audibilidade depende da atenção prestada. Para exemplificar isso, Leibniz deu o exemplo do sono, por meio explica que o fato de acordarmos com um ruído demonstra que os sons são percebidos mesmo durante o sono.

Tais percepções, por menores que sejam, ou mesmo inconscientes, podem influenciar o nosso juízo. São elas que “[...] formam este não sei que, esses gostos, essas imagens das qualidades dos sentidos, claras no conjunto, porém, confusas em suas partes individuais [...]” (LEIBNIZ, 1974, p. 118).

Fica claro que a distinção feita entre as Mônadas se dá a partir de parâmetros de modificação internos. O termo *Enteléquia* é utilizado para mostrar a existência de uma Mônada simples; já Alma, Leibniz expressa pelo termo a idéia de uma Mônada mais “refinada”, onde a memória se une a uma percepção aguçada. Assim, a figuração e a estruturação da Mônada se dão através de uma compreensão que remonta as matizes do pensamento cristão, segundo o qual Deus é o centro motor, ou nos dizeres de Aristóteles (contrariando Leibniz), o “motor imóvel”.

2. A geração e a negação

Apresentados os referenciais básicos do pensamento de Leibniz, é preciso mostrar os fatos e os motivos que nos movem na exposição do tema deste artigo. Ao que se sabe, promover uma reflexão baseada nos moldes leibnizianos, é alimentar a lógica da criação divina. Assim, ao escolher o título: “A geração como negação da substância simples”, queremos enfatizar a abertura que Leibniz dá às interpretações variadas de seus pensamentos e escritos.

Tomemos por base, inicialmente, os termos geração e negação. Como supracitado, Leibniz entende por geração todo ato que estaria ligado à vida humana, compreendido, em linhas gerais, por artificial. O termo artificial deve ser entendido não como falso, mas como contrário ao orgânico; tal compreensão diz respeito à reprodução animal humana, por meio da qual o corpo é gerado pelo ser humano.

A geração humana, comumente chamada de concepção, não se restringe a simples reprodução da espécie, mas diz respeito a tudo aquilo que é criado pelo ser humano. Tais criações humanas são frutos da intervenção divina, sendo que “[...] as criaturas devem suas perfeições à influência divina, e as imperfeições à sua própria natureza” (LEIBNIZ, 1974, p. 67). Desta forma, vê-se claramente a separação existente, na concepção leibniziana, entre as substâncias simples e as compostas.

O que fica claro é o fato de que a geração compreendida como reprodução, não representa, de fato, a substância simples, mas sim, a composta, modificada ao longo de sua história; é justamente aqui que entra o fator negação.

A negação não se perfaz de um total aniquilamento do ser, mas quer demonstrar como o ser humano, por força das modificações sofridas ao longo de sua vida, se esquece da substância simples, deixando que a composição e a influência de outras substâncias transformem a primeira, pois “[...] uma criatura é mais perfeita do que a outra, quando nela se encontra a razão *a priori* do que se passa na outra” (LEIBNIZ, 1974, p. 68). Dessa forma, a negação a que nos referimos é justamente a lógica da influência que as Mônadas sofrem que acaba por modificar a essência da pessoa.

O fato é que a geração demonstra um movimento comum de modificação das Mônadas: a influência das Mônadas.

[...] nas substâncias simples, é meramente ideal a influência de uma Mônada sobre a outra, influência que só pode exercer-se com a intervenção de Deus, quando, nas idéias divinas, uma Mônada pede, com razão, que Deus, regulando as outras desde o começo das coisas, a considere também. Dada a impossibilidade de uma Mônada criada influir fisicamente no íntimo de outra, só por esse meio uma pode estar dependente da outra (LEIBNIZ, 1974, p. 68).

A idealidade, ou seja, a necessidade lógica pela qual passa a Mônada, se caracteriza pela ação direta de Deus, visando à manutenção da ordem e contrariando o caos estabelecido pelas substâncias compostas. Vê-se claramente a necessidade da interferência de Deus na vida humana, bem como na inter-relação das Mônadas. Assim se estabelece a ordenação do universo, em Leibniz, representado pela Mônada criada.

Sendo a negação, a modificação da substância simples da Mônada e, conseqüentemente, a geração da substância composta, o que se tem é justamente a geração como a negação; negação não só da realidade, da essência, mas também, da substância simples original. Dessa forma, as influências que sofremos – chamadas por Leibniz de ações e paixões – podem modificar, e até anular, a nossa essência.

É por isso que entre as criaturas as ações e as paixões são mútuas. Porque Deus comparando duas substâncias simples, encontra em cada uma as razões que as obrigam a acomodar-se a outra; e por conseqüência, aquilo que é ativo para certos olhares, é passivo seguindo um outro ponto de vista: *ativo* quando, do que se conhece distintamente nela, serve para dar razão do que se passa em uma outra; e *passivo* quando a razão do que se passa com ela se descobre no que se conhece distintamente em uma outra (LEIBNIZ, 1974, p. 68).

Assim, essência das criaturas – a Mônada – se anulada pela geração humana, influenciada pelas ações e pelas paixões, obriga Deus a unir ambas para a formação de uma substância simples. Tal união provoca o que Leibniz chama de *conveniência*: “cada possível tem o direito de aspirar à existência pela medida da perfeição que envolver” (LEIBNIZ, 1974, p. 68). A junção de substâncias simples provoca a manutenção da ordem

do universo, que acaba sendo modificada pela geração humana. Em linhas gerais, o que se tem é a substituição da criação pela geração.

A substituição não acontece por mero acaso. A geração acaba por cumprir seu papel ao negar a substância simples, ou seja, quando o ser humano decide “ouvir” as paixões e ceder às vontades, ele acaba por fazer com que a substância simples, a Mônada, seja modificada com a agregação de outras Mônadas, formando as substâncias compostas. Assim, o que temos nada mais é do que a negação da substância simples, ou ainda, a perda da essência original, por conta da acomodação natural pela qual passa a humanidade.

3. A geração como negação da substância simples

Como vimos, a geração suprime a substância simples enquanto formação externa. Vale lembrar que a modificação interna da substância simples vai depender da ação de Deus e da necessidade de adequação da Mônada. Como medida facilitadora para a compreensão do que se quer propor neste artigo, vamos analisar o exemplo do ser humano e da reprodução da espécie.

A raça humana, como todo e qualquer animal, tem a possibilidade de se reproduzir. Ao promover a associação de gênero, os humanos buscam a reprodução para a manutenção da espécie. Esse exemplo pode facilitar ainda mais a compreensão do que Leibniz quis expor: a agregação do ser humano e sua consequente reprodução, mais do que simbolizar, representa, diretamente, a união das substâncias simples, e a formação da substância composta. Em linhas gerais, os pais, substâncias simples, se unem por afinidade, por necessidade, ou mesmo por casualidade, vindo posteriormente, a gerar um filho que até então, se caracteriza como uma substância composta pela união das substâncias simples. Aqui se tem a questão chave: a geração como negação da substância simples.

É justamente essa geração humana focada na reprodução que faz com que a substância simples seja negada. O problema em questão não se limita a essa compreensão. Como toda substância, simples ou composta, está sujeita a modificações, e, de maneira especial, a substância composta, que é suscetível a modificações externas, ainda há o papel das escolhas, das ações e das paixões. Pois, fica claro que cada Mônada,

[...] representa mais distintamente o corpo que lhe está particularmente afeto e de que constitui a Enteléquia; e como esse corpo exprime todo o universo, pela conexão de toda a matéria no pleno, a alma representa também todo o universo ao representar esse corpo que lhe pertence de um modo particular (LEIBNIZ, 1974, p. 69).

Aqui a dimensão corporal assume um papel fundamental; num pensamento dualista, onde cada Mônada criada representa [o universo] a *Enteléquia* desse corpo e ambos, formam o animal [orgânico], a Mônada dessa forma, se caracteriza como uma ordem perfeita e o corpo, a ordem representante, ou seja, a percepção da alma. Assim, esse corpo orgânico, autômato e natural (leia-se original) se configura como o que Leibniz chama de divindade e o corpo gerado pelo ser humano, autômato e artificial, como humanidade. Assim,

[...] cada corpo orgânico de um vivente é uma espécie de Máquina divina ou de Autômato natural, que ultrapassa infinitamente todos os autômatos artificiais. Porque, uma máquina feita pela arte do homem, não é máquina em cada uma das suas partes. Por exemplo, o dente de uma roda de latão tem partes ou fragmentos que não são apenas algo de artificial e que não tem nada que faz perceber a máquina com relação ao uso pela qual a roda está destinada (LEIBNIZ, 1974, p. 70).

Vemos que a geração humana nada mais é do que uma artificialidade. Não possui toda essência divina, mas parte dela. Ao que se sabe, a Mônada, em sua totalidade, é composta pela essência divina; ela não é a divindade, mas é parte dela. Vale ressaltar que nessa dinâmica dualista corpo e alma são unidos, cabendo somente a Deus estar separado dessa realidade. Além do mais, a alma não tem porção ou massa, mas, sim, forma um todo chamado Mônada.

Dentro dessa lógica, Leibniz deixa claro que todo o materialismo mecanicista não conseguiria, e nem conseguirá, explicar a organização da matéria. Diante disso, o princípio de todas as coisas, ou a unidade da matéria, não pode ser pensado somente em termos de matéria e extensão. Assim, a Mônada figura como a partícula mínima e unitária do real, é

um “átomo de substância”. Em uma explicação simples, as Mônadas devem ser pensadas como átomos de vida. É evidente que ela não explica os mecanismos concretos da natureza, mas a profunda razão de ser de cada ente.

Para melhor entendermos o que está exposto no pensamento de Leibniz, basta comparar a Mônada a uma alma humana. Como qualquer mente humana, a Mônada também é alguma coisa unitária e indivisível, mas possui uma vida interna capaz de conectar-se com todas as outras e com a realidade em que vive. É por esse motivo que cada Mônada é um microcosmo, ou seja, um espelho vivo do universo para o qual tudo é, ao menos potencialmente, inteligível.

Ademais, toda substância é como um mundo completo e como um espelho de Deus, ou melhor, de todo o universo, expresso por cada uma à sua maneira, pouco mais ou menos como uma mesma cidade é representada diversamente conforme as diferentes situações daquele que a olha [...] (LEIBNIZ, 1974, p. 83).

A presença de Deus na Mônada habilita a sua ação de reprodução pela geração, sendo igualmente dessa forma, reproduzida a glória de Deus.

[...] assim, de certo modo, o universo é multiplicado tantas vezes quantas substâncias houver, e a glória de Deus igualmente multiplicada por todas essas representações de sua obra completamente diferentes (LEIBNIZ, 1974, p. 83).

Com isso, fica fácil compreender a evolução da substância composta – pela união dos pais, substâncias simples – à substância simples. Ou seja, dentro da linha traçada no decorrer do artigo, o que queremos mostrar neste ponto, é que mesmo a Mônada tendo perdida sua essência simples, negada pela mutação da substância composta, um reagrupamento, proposto pela ação divina, leva ao ressurgimento e a reorganização da substância simples. Isso se deve ao fato de que “toda substância traz de certa maneira o caráter da sabedoria infinita de Deus e imita-o o quanto pode” (LEIBNIZ, 1974, p. 83), essa ação de imitação e união Leibniz chama de “leis do universo”. A obediência a tais leis é o que mantém, segundo o filósofo, a unidade entre o corpo e a alma.

Estes princípios permitiram-me explicar naturalmente a união, ou melhor, a conformidade da alma e do corpo orgânico. A alma segue as suas próprias leis, e o corpo também as suas, e ambos se ajustam devido à harmonia preestabelecida entre todas as substâncias, pois todas elas são representações de um só universo (LEIBNIZ, 1974, p. 71).

Dessa forma, a geração aparece não mais como uma negação, mas sim, uma imitação, ou mesmo reprodução da graça de Deus. É por esse motivo que a comparação que se faz das matérias a um jardim, ou um lago, quer evidenciar a lógica da criação divina que se mantém nas partes, formando um todo. É justamente essa fina ligação existente entre as criaturas criadas que se pode entender como Mônada. Mesmo sendo diferente e desigual, toda a criação possui um misto de composição divina original e natural, ou ainda, artificial, se feita pelas mãos do ser humano, mas,

As almas atuam por apetições, fins e meios, segundo as leis das causas finais. Os corpos, segundo as leis das causas eficientes ou dos movimentos. E ambos os reinos, o das causas eficientes e o das finais, são harmônicos entre si (LEIBNIZ, 1974, p. 71).

Por fim, a existência de um ser, seja animal ou humano, não permanece eternamente com a substância composta; mas une ambas, composta e simples, na manutenção de uma harmonia universal, onde as causas finais busquem a unidade com as causas eficientes. Ou seja, a lógica de reprodução nega a substância simples, mas não a anula.

4. Considerações finais

Na linguagem leibniziana, a substância composta, gerada pela união das substâncias simples, não tem sua funcionalidade esgotada. O que se quer dizer é que mesmo diante da não possibilidade da criação pelo ser humano, a ação de Deus ainda será um fator essencial para a transformação da substância composta em substância simples. A

manutenção da harmonia universal acaba sendo maior que a relação de reprodução e geração exercida pelas espécies.

Em sua essência, as substâncias divididas guardam a substância simples, que acaba sendo restaurada pela ação direta da divindade. Essa essência, Leibniz chama de semente.

[...] mas hoje, desde que se apercebeu, por pesquisas exatas feitas em plantas, insetos e animais, que os corpos orgânicos da natureza nunca são produtos dum caos ou duma putrefação, mas sempre de *sementes*, em que havia, sem dúvida, alguma *preformação*, pensou-se que o corpo orgânico não só estaria nelas, já antes da concepção, como também já estaria uma alma neste corpo – numa palavra: o próprio animal. E que, por meio da concepção, este animal apenas foi disposto para uma grande transformação para se tornar um animal de outra espécie (LEIBNIZ, 1974, p. 71).

A preformação funciona como a potencialidade da espécie. Na linguagem aristotélica, que Leibniz tenta abandonar no início de suas reflexões, a representação se dá nos chamados potência e ato. Leibniz faz questão de mostrar que mesmo sendo reproduzida, a criatura leva consigo a semente divina, e uma alma individual, que sofre mutações lentas e gradativas, mas nunca transmigra e nem executa a Metempsicose.

A manutenção da espécie reafirma a lógica da particularidade, isto é, em cada partícula do real existem minúsculos mundos vivos, tão pequenos a ponto de resultarem invisíveis. Observando bem, não existe na natureza nada que seja casual, assessorio, inútil ou confuso, ideia que remonta a máxima de Antoine Lavoisier: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

Visto que a geração pode negar a substância simples, tal negação pode ser superada pela existência das sementes nas substâncias simples, que dão origem às compostas. Ou seja, por mais que haja a geração do filho, este não chegará a perder a sua substância simples, pois parte da de seus pais estará contida na sua formação, “[...] por ser cada porção da matéria não só divisível até ao infinito (como os antigos reconhecem), mas estar ainda atualmente subdividida sem fim, cada parte em partes, tendo cada uma delas movimento próprio” (LEIBNIZ, 1974, p. 70).

Tal lei de manutenção da espécie está contida no que Leibniz chamou de “*enlace*”. Enlace que se estabelece com bases em princípios básicos da ação da Mônada; por meio da qual cada vivente possui uma Mônada dominante: a alma; a *Enteléquia* é o estado perfeito de um ente que alcançou seu fim. Dessa forma, massa, extensão, impenetrabilidade, matéria são apenas manifestações exteriores das Mônadas, o que Leibniz chama de “Harmonia preestabelecida”. “Este sistema faz os corpos atuarem como se (embora seja impossível) não houvesse Almas; as Almas, como se não houvessem corpos, e ambos como se mutuamente se influenciassem” (LEIBNIZ, 1974, p. 72).

Diante disso, fica ainda a questão da mutação da substância. Mutações essas que acontecem gradativamente, mediante alguma necessidade externa, ou mesmo interna. O resultado final desse processo é o que precisamos compreender como causa final da Mônada, isto é, a razão.

A respeito dos *Espíritos* ou Almas racionais, embora eu ache que há no fundo a mesma coisa em todos os viventes e animais, [...] (saber que Animal e Alma não começam senão com o mundo, e não acabam senão com o mundo), há, portanto, isto de particular nos Animais racionais: os seus pequenos Animais espermáticos, que não são mais do que isto, têm somente almas ordinárias ou sensitivas; mas os que foram eleitos, por assim dizer, chegam por uma concepção atual à natureza humana, suas almas sensitivas são elevadas ao degrau da razão e à prerrogativa de Espírito (LEIBNIZ, 1974, p. 72).

Em seu processo de reprodução, os seres humanos lidam com os animais espermáticos, e um (em alguns casos mais) tem o direito de evoluir e alcançar a vida. É justamente nesta vida que este ser, fruto da reprodução, terá a oportunidade de se tornar um ser racional. Leibniz demonstra que a razão é composta de sentimento, memória e percepção. Essa criação racional, nada mais é do que uma imitação da criação divina; a criação do universo se torna racional pelo fato de que o universo foi feito da racionalidade, ou seja, Deus é o ser criador, racional e perfeito.

A grande diferença é que o ser humano não só simplesmente sente, imagina e reflete, mas vai além desses ditames, abarcando a reflexão em si, e do entorno de si. Em

linhas gerais, a busca da verdade acaba por fundamentar a prática da reflexão pessoal. Essa prática pessoal vai ao encontro do que Leibniz chama de onipotência da razão. Tal onipotência reintegra o universo, o dinamismo e o ponto de vista do individual concreto, e ao mesmo tempo, estabelece o *Espírito*.

[...] as almas em geral são espelhos vivos ou imagens do universo das criaturas; mas, os espíritos são também imagens próprias da Divindade, ou do próprio Autor da natureza; são capazes de conhecer o sistema do universo e de imitar qualquer coisa valendo-se de modelos arquitetônicos, cada espírito sendo uma pequena divindade em seu departamento (LEIBNIZ, 1974, p. 72).

Espírito e corpo são comparáveis a dois relógios sincronizados, explicados em três modos, a saber:

- 1) O espírito influi sobre o corpo e vice-versa;
- 2) Deus coordena toda modificação do corpo e do espírito;
- 3) Deus programou desde o início do mundo todos os corpos e todos os espíritos do universo.

Essa comparação entre dois relógios serve para explicar a difícil relação entre Mônada e matéria, isto é, entre espírito e corpo, ou para usar a terminologia cartesiana, entre *res cogitans* e *res extensa*.

A reprodução da espécie humana, a negação da substância simples, a reorganização das substâncias, enfim, todas as ações são feitas a partir da lógica da ação divina. Em outras palavras: se um indivíduo pensa em pular, e efetivamente o fenômeno se realiza, não é porque sua vontade espiritual tenha influído sobre o corpo; mas porque as duas dimensões que formam o indivíduo, espírito e corpo, foram perfeitamente sincronizadas pela sabedoria divina, de modo que, sem uma precisa relação de causa-efeito, o ato aconteça somente depois do pensamento.

Certamente a complexidade do projeto divino, capaz de programar desde o início dos tempos todas as relações entre ação e pensamento de cada indivíduo, ultrapassa enormemente qualquer imaginação humana. Isso demonstra que a perfeição do mundo é

ainda maior do que comumente se acredita. E admitir qualquer imperfeição no mundo, significa criticar a Deus.

Por fim, ao se pensar na geração como negação da substância simples, na verdade, o que se tem é pura e simplesmente a manutenção da lógica divina. Ou seja, mesmo a negação faz parte da lógica estabelecida pela divindade, para a ordenação do universo e a estabilidade da vida. Em linhas gerais, a transformação do caos em ordem, da substância composta em simples, do animal orgânico ao ser humano, da alma em espírito.

Referências:

ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. *Filosofando: introdução à Filosofia*. 3 ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005. 439 p.

FOLSCHEID, D.; WUNENBURGER, J.J. *Metodologia Filosófica*. Tradução de Paulo Neves. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 394 p.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia: do humanismo a Descartes*. São Paulo: Paulus, 2004, 321 p.

LEIBNIZ, G. W. *A Monadologia*. Tradução de Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Abril, 1974. p. 61-73. (Coleção *Os Pensadores*).

_____. *Discurso de Metafísica*. Tradução de Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Abril, 1974. p. 75-110. (Coleção *Os Pensadores*).

_____. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Tradução de Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Abril, 1974. p. 111-389. (Coleção *Os Pensadores*).

NICOLA, U. *Antologia ilustrada de Filosofia: das origens à idade moderna*. Tradução de Maria Margherita De Luca. São Paulo: Globo, 2005. p. 257-267.

Data de registro: 19/04/2010

Data de aceite: 03/09/2010